PENTAGRAMA

O poeta e cantor Orfeu percorreu o mundo, ensinou a sabedoria e as ciências a muitos povos e fundou os mistérios órficos consagrados a Dionísio.

A sua feliz e triste história da perda de Eurídice ilustra o chamado eterno do Espírito desejoso de libertar a alma imortal dos lugares tenebrosos e, unido com ela, viver no divino país da luz.

Sumário

3 Amanhã eu despertarei

5 Dionísio, um impulso da eternidade no tempo

10 ... não havia silêncio nem som

16 A tempestade de Dionísio e a harmonia de Apolo

20 Orfeu, a religião dos Mistérios

22 Orfeu – o mito

25 O cântico de Orfeu

30 O ovo órfico

31 Friedrich Nietzsche, médico da cultura

34 "As três chaves"

Ano 29 número 3
Junho 2007

Capa: Rudolph Bauer.
O reino do Espírito, 1930.

Dionísio sobre o leopardo, mosaico romano do 1° século de nossa era, Museu Arqueológico de Tessalônica, Grécia (Bridgeman Art Library).

"Amanhã eu despertarei"

Foi o que eu disse há tempos,
Isto acontecerá, agora eu sei.

Amanhã eu despertarei,
E diferente tudo será.
Com outros olhos o mundo verei.

Todos os sons ouvirei,
Discernirei o mundo de amanhã,
Todas as cores verei.

Falarei outra linguagem:
A linguagem da alma,
A linguagem do coração.

Tristezas desaparecerão,
Tudo será diferente,
Preocupações desaparecerão.

Na manhã do meu despertar
Não conhecerei tristeza nem dor,
É a linguagem da alma a falar.

A melodia do dia vindouro
Está inteiramente composta,
E eu a conheço do nascedouro.

Já começo a ouvir o som puro,
Com ele logo me harmonizarei,
Nele está todo meu futuro.

Ah! Que despertar será este!

No mundo obscuro e confuso,
Sono, nunca mais,
Nem novas ilusões e devaneios.

De minha jornada de amanhã ativa,
A claridade transparente
Será como a água de uma fonte viva.

Fonte eterna, inexaurível,
Quem se saciará do sagrado?
Eu sinto! Amanhã eu despertarei.

Vejo uma estrela e um raio de luz,
Um astro com brilho de ouro e prata,
Cujo cintilar toca meu coração, me seduz.

Longe, lá em baixo, encontra-se a porta,
Ela me levará para o amanhã,
Como uma entrada brilhante se mostra.

Um novo mundo me aguarda...

Eu dou um passo à frente...

Dionísio,
um impulso da eternidade no tempo

Quem era Dionísio? Numerosos historiadores tentaram penetrar os segredos desse deus, e diversos filósofos e autoridades religiosas tentaram explicar esse mito. A veneração a Dionísio espalhava-se pelas regiões mediterrâneas, no Oriente Médio e até na Índia. Segundo algumas fontes, o culto proviria da Trácia, a atual Bulgária. Para os gregos a Trácia era a "terra sagrada", o "país da luz". Lá se erguiam os antigos santuários de Zeus, Cronos e Urano bem como os antiqüíssimos santuários de Dionísio. Uma das mais antigas tradições da Trácia afirma: "No começo, o tempo criou o ovo argênteo do mundo, de onde surgiu Dionísio, o andrógino que traz em si as sementes de todos os deuses e de todos os homens".

É bastante provável que o culto a Dionísio tenha se espalhado pelo mundo a partir da Trácia pela rota da seda (cf. Pentagrama nº 3, 2006). No mundo antigo Dionísio era muito venerado. Contudo, aproximar-se apenas do ponto de vista histórico desse culto tão diferenciado significaria perder a profundeza real do conceito espiritual que está na sua base. É necessário um certo saber interior para reconhecer em Dionísio o impulso secular eterno sem nome, mas que a cada manifestação recebe um nome, um impulso que atua desde o princípio do mundo e da humanidade. Ele aparece sob a forma de uma mensagem que em todas as épocas a humanidade traduziu e adaptou em palavras e imagens. Podemos perceber sua luminosa radiação nas escrituras sagra-

Dionísio, escultura do lado leste do Parthenon, Atenas, por Fídias, ca. 450-430 a.C.

das bem como nos mitos e lendas populares. Os gregos adotaram essa tradição em sua mitologia de modo muito particular. Em uma dessas narrativas, Dionísio é *trigonos*, o filho três vezes nascido, engendrado por Zeus com Deméter, deusa da terra. Após seu nascimento, o menino Dionísio ascende ao trono divino. Logo em seguida, enquanto ele se mira no espelho, é morto pelos titãs, que o desmembram e o devoram, com exceção de seu coração, que é salvo por Atena, a sabedoria divina. Esta última leva-o a Zeus, que o acolhe em si. Então Zeus, o pai dos deuses, fulmina os titãs com uma trovoada intensa, emitindo seus raios de cólera. E das cinzas resfriadas surge a humanidade. Em seguida, Zeus engendra um outro filho com Sêmele, uma mulher mortal que, não podendo suportar a visão do deus, desaparece. Zeus retira seu filho do corpo moribundo de Sêmele. Este é o segundo nascimento de Dionísio. Zeus o implanta em sua coxa, gestando-o até seu nascimento: é o terceiro nascimento de Dionísio, que então recebe o nome de "Íaco" que significa "a estrela portadora de luz". Hermes confia o recém-nascido às ninfas, que o conduzem ao silêncio e à solidão. Daí, o infante divino penetra no mundo e o impregna com sua energia. De fato, ele o conquista e o "salva" de todos os males com o nome de "Liaios", aquele que elimina todos os tormentos. Por fim, Dionísio casa-se com a solitária Ariadne, que abandonara seu infiel bem-amado Teseu. Esse *Hieros Gammos*, as núpcias sagradas, confere a imortalidade à jovem esposa, que se eleva ao céu com Dionísio.

Nesse mito, reconhecemos a queda incessante da criação divina de outrora. Deus, a quem os gregos chamavam Zeus, deseja manifestar-se e então envia sua energia a Deméter, a substância primordial. Daí surge a criação microcósmica original, perfeitamente unida à divindade, desenvolvendo-se graças às trocas incessantes de suas respectivas energias. Mas as forças da matéria, os titãs, apoderam-se da criança divina. Apenas seu coração, sua íntima essência espiritual, é poupado e retomado pela energia divina.

Plutarco, historiador grego (46-127), qualifica o coração de Dionísio de *anima mundi* ou alma do mundo, o elemento vivificador do macrocosmo. As formas vitais das criaturas se esclerosam quando estas se entregam à vontade egocêntrica e ao instinto de autoconservação, pois já não recebem a energia divina de maneira harmoniosa, porém sob a forma de raios e trovões. Disso resulta grande tensão: uma força se descarrega para aniquilar o que já não corresponde à idéia divina. Tratar-se-ia aqui de uma catástrofe cósmica apresentando-se como trovoada de onde teria "nascido" o Universo? Esse fenômeno, contudo, repete-se infinitamente nos "microcosmos", os "pequenos seres" mortais atuais. Em nós há uma mistura de forças ativas: as forças dialéticas dos titãs, mas também uma sobra de energia divina original. É um grande milagre que esse elemento de luz tenha sido implantado na forma tenebrosa do corpo material. Nesse sentido, Goethe faz Mefisto dizer em *Fausto*:

Eu sou uma parte
daquilo que outrora formava um todo;
a parte da escuridão
que criou a luz. E desde então

O nome Dionísio, "filho de Zeus", provém de tabuinhas de argila gravadas em escrita linear B, encontradas na "arenosa Pilos". Dionísio era venerado desde a época micênica (1400-1200 a.C.). Presume-se que esse culto provenha de Creta e tenha chegado indiretamente à Grécia. Também é possível que ele tenha se formado sob a influência da Ásia Menor, pois foi encontrado algo dessas idéias na Lídia e na Frígia.

essa luz altiva
combate o reino da noite, a mãe;
duplo combate jamais vencido,
pois é o combate de todos os corpos. [1]

Essa mistura de energias explica por que Dionísio está sempre associado à demência, ao êxtase, às atrocidades: a ligação da matéria e do espírito, o aprisionamento da luz na matéria, provoca a inquietude e a efervescência nos homens. Embora, Dionísio, a essência divina, impulsione sem descanso a natureza interior dos seres humanos para que dêem outro rumo à sua vida atual, eles não param de conceber ideais, imaginações e representações. A oposição entre os ideais e a vida comum causa muitos conflitos internos, pois é impossível alinhar a vida do espírito e a vida da natureza decaída. Entretanto, parece que os homens nada podem fazer senão tentar realizar seus ideais espirituais no plano material. Sua esperança de uma vida melhor leva-os, portanto, a fazer inúmeras experiências: eles tentam alcançar o impossível, embaraçando-se cada vez mais na matéria e causando grandes sofrimentos a si próprios e a seus semelhantes.

Volta-te para o coração de Dionísio

Cada um sente de maneira mais ou menos forte essa inquietude interior, esse dilaceramento que provém da mistura dessas duas forças. Quantas vezes nossos pensamentos, sentimentos e desejos não nos retêm no plano horizontal embora queiramos seguir um ideal elevado? Estamos continuamente violentando a luz, não porque estejamos agindo de má vontade, mas sim porque *somos constituídos da substância energética dos titãs*. Trata-se aí de um dilema que sempre se repete. A vontade divina original quer desligar-se da matéria, porém é freada pela matéria, pelo corpo físico. As forças materiais deste mundo querem conservar aquilo de que um dia se apropriaram, e a humanidade encontra-se cada vez mais submetida ao domínio da matéria. Sua história mostra-o claramente.

Contudo, a inquietude, as desilusões e a experiência sistemática da morte podem permitir-nos compreender finalmente nosso verdadeiro dever. Ao refletir sobre isso e nos voltarmos para o coração de Dionísio, é-nos aberto um caminho que nos faz sair dos domínios materiais para regressar ao campo de vida divino. Deus faz sua energia descer sobre o gênero humano, em Sêmele, a alma mortal cuja consciência é terrestre. Nela pode, sim, se desenvolver a criança divina, mas a ela já nada resta senão apenas assegurar o

Por volta de 500 a.C., quatro festas anuais eram celebradas em Atenas em honra a esse deus, durante os meses de inverno até a primavera. No decorrer de uma delas, as mulheres gregas partiam de Atenas e de Delfos e escalavam o Parnaso coberto de neve (250m). Com música e danças elas despertavam o infante Dionísio adormecido. Imagens relativas a isso são encontradas em vasos provenientes de Micenas e Minos.

nascimento interior dessa criança, sem que essa criança seja considerada um ser da mesma natureza da mãe.

Quando o ser "eu" mortal quer se apropriar do divino, nasce uma tensão insuportável para ele. O nascimento em Deus se desenrola mediante um corpo-alma que nasce do núcleo espiritual, e ao homem terrestre é oferecida a missão de possibilitar esse nascimento. O processo acontece em Dionísio-Íaco. Amadurecimento e discernimento possibilitam que a libertação do homem-luz ocorra no candidato aos Mistérios. O filho dos deuses, etapa por etapa, acaba vencendo as forças dos titãs. Desse modo, Dionísio e Ariadne, almas agora renascidas e unidas, ingressam no campo de vida divino: a alma e o Espírito celebram suas núpcias sagradas.

Na Grécia, o povo venerava Dionísio, o deus do crescimento. Aqui, trata-se do aspecto externo do processo descrito. Os gregos, em sua maioria, inconscientes do profundo saber dos Mistérios, celebravam a chegada de Dionísio na forma da chegada da luz, da alegria de viver e do feliz crescimento de todas as coisas.

Os Mistérios

Em seu conjunto, todas as religiões partilham essencialmente esses conceitos da religação com o divino, porém cada uma apresenta uma aparência adaptada à sua época, aparência que corresponde também à consciência e às idéias de seus fiéis. Daí resultam, por exemplo, as numerosas correntes do cristianismo, como também suas diferenças e divergências de opinião. Em geral, uma religião popular jamais visa o caminho interior. Por esse motivo, os seguidores de Dionísio sabiam que a par das festas sensualmente prazenteiras existiam os Mistérios exteriores e também os Mistérios interiores,

Os gregos também chamavam Dionísio de "Baco", que significa "chamar, criar". Por que eles queriam despertá-lo? É algo fascinante verificar que o antigo pensamento grego interpretava os deuses de modo tanto metafórico quanto abstrato. Esse deus da umidade fecunda, do vinho e do teatro, era considerado o deus do limite assim como de sua transgressão: a desobediência. Era também o deus do desapego e do passado ancestral (a Trácia). Dionísio aplica uma força que intercede diretamente e que também pode causar violência. Ele confere a renovação, a alegria e a vida. Ele abre as portas da renovação, e do "totalmente outro"! Ele pode destruir completamente o que pertence ao passado, o que é pretensioso, limitado. Essa é a razão pela qual Jan van Rijckenborgh associa-o ao Espírito.

Nas decorações de muitos vasos é possível vê-lo com um espelho na mão. Esse é um sinal de reconhecimento. Freqüentemente ele o segura às costas da pessoa

secretos. Os Mistérios exteriores mostravam de modo geral as diferentes relações cósmicas, e os sacerdotes revelavam aos participantes sua origem divina. Nos Mistérios interiores os candidatos eram ligados a uma energia que os colocava em condição de seguir o caminho de sua verdadeira destinação. Sabemos muito pouco sobre os Mistérios interiores de Dionísio, pois o principal era transmitido de forma oral aos futuros iniciados. No decorrer dos tempos as Escolas de Mistérios protegeram assim seus segredos para impedir seu enfraquecimento, portanto a perda de sua força. Hermes Trismegisto, em seus ensinamentos herméticos, por exemplo, advertia os iniciados: *Os participantes das verdades ocultas devem ser em número limitado. É possível mesmo que não existam. Pois está claramente estabelecido que eles são suscetíveis de impulsionar os homens de má vontade a agir mal. Por conseguinte, deve-se desconfiar da multidão que ainda não compreende a força interior dessas noções.*

As interpretações populares em nada esclarecem a maior parte das informações, por sinal bastante contestadas, tanto sobre Dionísio quanto sobre os Mistérios exteriores e interiores. Todos os mitos, tradições e escritos sagrados referentes à verdade permanecem vazios, sem força e não passam de um conhecimento sem sabedoria se não forem vivenciados de fato interiormente. Somente para os que penetram a roupagem exterior toda contestação é dissolvida e os numerosos nomes divinos tornam-se um único nome, uma só vibração, na qual pulsa a criação inteira... *Pode-se dar todos os nomes ao Deus supremo, porém, não se pode atribuir-lhe um nome.*[2]

FONTES:
1. Gotehe, J. W., *FaustoI*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
2. Ângelo Silésio: *Der Himmel ist in dir*, p.197, verso 127.

ou o mostra a ela. Quando os titãs o abateram, ele olhava justamente num espelho, onde via seu ser despojado do corpo, a imagem de sua alma divina desencarnada, que todo homem possui. Píndaro, 518-446 a.C., diz a esse respeito, referindo-se a um mistério iniciático: "Pois tudo isso vem dos deuses". O jovem Dionísio, no momento de sua morte, estava cônscio de sua imortalidade, da imagem original da vida incorruptível. Dionísio, na qualidade de deus dos Mistérios, concedia essa segurança a seus discípulos: o espelho reflete a parte imaterial e divina do ser humano, a substância vital que é de todos e que os liga a Deus. O espelho é, portanto, um símbolo, o sinal do reconhecimento do aluno dos Mistérios.

O espelho é apresentado ao candidato quando ele chega ao Além, a fim de dar-lhe coragem. E o iniciado que segura um espelho deixa-se reconhecer nele, pois esse é o sinal de que "ele faz parte dos iniciados".

...NÃO HAVIA SILÊNCIO NEM SOM

Distante, do seio de Érebo,

nasceu a noite de asas negras;

do vento, o ovo surgiu,

e do tempo que fugia,

Eros, o muito esperado, emergiu

em todo o esplendor de suas asas de ouro.

Aristófanes

O que é a criação? Qual é a causa primeira de tudo o que existe? Os seres humanos sempre se preocupam com estas questões. O começo do ser seria o não-ser? E o que é o não-ser?

"No princípio era o caos, um caos semelhante a uma nuvem, inteiramente vazia", diz um mito chinês a respeito da Criação. Todas as civilizações e religiões evocam a Criação com o auxílio de imagens e noções de seu tempo. Nos mitos germâni-

Nascimento de uma estrela, NASA, 2001.

Hino de Orfeu à Luz

"Primogênito"

Ó tu que irrompeste para fora do ovo da noite,
Alçando-te às alturas etéricas
Com tuas asas douradas.
E, exultante, te rejubilaste.
Tu, luz que desperta os deuses e os homens.
Ó tu, poderoso e imperceptível.
Tu por muitos enaltecido,
Infalível arcano que radia para todos os lados.
Arrebataste a noite de nossos olhos fechados
E arremessaste sobre o mundo
Teus sagrados raios,
Entoando com poder o silêncio da luz.
Senhor do mundo.
Tu que iluminas todos os recantos da terra,
Rebento que resplandece e, com desvelo infinito,
Tudo semeia no mundo!
Esparge a bem-aventurança aos povos,
Estende teus raios e dimana luz.
A todos os que estão
Com as pálpebras fechadas.
Envia-nos vida, tu, que és moldado
Em luz e amor.

cos encontramos, por exemplo, o conceito "Gap Ginnunga" que significa silêncio e vazio cheios de forças mágicas. E no *Livro de Dzyan*, fundamento da *Doutrina Secreta* de Helena Blavatsky, está escrito: "Onde estava o silêncio? Onde estavam os ouvidos para percebê-lo? Não, nem o silêncio nem o som existiam, nada além do alento ininterrupto, eterno, que não conhece a si mesmo".

...NÃO HAVIA SILÊNCIO NEM SOM

O impulso para penetrar todas as coisas e compreender em profundidade o sentido e a origem da existência é inato no ser humano. A ciência moderna dá-nos disso um exemplo. Ela se esforça mediante todos os tipos de pesquisas e teorias para descobrir cientificamente como o mundo apareceu, inclusive as inúmeras leis que o regem. Basta que pensemos na Teoria do Big-Bang, nas pesquisas sobre matéria e antimatéria ou na teoria da relatividade.

Os adeptos da doutrina órfica formularam já há milhares de anos sua resposta à questão da origem do mundo: o fundamento primordial da vida é a deusa da noite, Nyx. Eles a imaginaram como um pássaro de asas negras. As características da noite são a escuridão e o silêncio. Insondável, ela é comparável ao nada, e por isso contém tudo: nela todo o possível encontra-se oculto. A noite da substância original é movida por Aithir, o alento divino, a força paterna dinâmica do Espírito. Um impulso divino põe em movimento o princípio criador tendo em vista uma fecundação e uma manifestação. Então surge o ovo do mundo. O ovo é considerado uma forma perfeita. É a forma primordial de todas as coisas, do átomo ao globo terrestre. Em todos os tempos e em todos os povos, o símbolo da eternidade tem sido o círculo ou a esfera. Esse ovo contém o germe da vida. Cada ser humano se encontra no campo de radiação do sistema microcósmico em forma de ovo, em cujo centro repousa o germe do nascimento do verdadeiro homem. Na tradição órfica, Eros nasce do ovo do mundo fecundado pelo Espírito. É o deus andrógino do eterno amor divino. Ele é igualmente chamado *Protogonos*, que significa "Primogênito". Por outras palavras, o homem original, o primeiro homem, é nascido de Deus. As asas de ouro simbolizam sua ligação com a força do amor divino graças à qual e mediante a qual ele pode atuar. Mas a tradição órfica vai ainda mais longe. O ovo do mundo, envolto por uma serpente, é partido em dois. Da forma perfeita, da matriz do amor divino, sai um mundo dividido em duas partes que, por um processo criador incessante, produz cada vez mais formas aparentes começando por Gaia, a terra. A serpente é o símbolo da consciência. Podemos aí já reconhecer a vontade egocêntrica que opera na primeira criação e continua a operar? Daí surge a destruição do equilíbrio perfeito entre os princípios feminino e masculino. O princípio feminino, que engendra e dá à luz, representa, assim, por sua própria natureza, um princípio de plenitude que experimentou a satisfação de suas próprias obras e desejou continuar com sua atividade de criação, tendo em vista realizar uma perfeição cada vez maior, mas sem entregar-se ao amor divino.

Tudo é energia

Que imagem nos oferece o mito órfico da criação se o considerarmos do ponto de vista da ciência atual, que diz que tudo é energia?

Na origem havia uma substância primordial, uma energia impassível e sem forma. Podemos denominá-la "trevas" por não possuir forma alguma, "caos" por aparentemente não estar ainda organizada. Poderíamos também qualificá-la como "nada".

Porém, nela, mesmo no estado desordenado e sem forma, palpita um dinamismo que ativa tudo o que existe, pois ela é penetrada pela radiação da energia divina. A força divina, uma energia poderosa e concentrada, toca a substância primordial com um raio de luz, que lhe dá dinamismo, ordem e forma. Ao falarmos de formar ou plasmar, não nos referimos a formas do mundo material que conhecemos, pois elas ainda não eram tão densas como acontece com a matéria deste mundo. Referimo-nos tão-somente à pura energia que se orientava e se ordenava sob a atividade da radiação divina. A energia contraiu-se, concentrou-se. Então apareceram os campos energéticos, os sistemas dinâmicos onde rodopiavam as forças da substância primordial ao redor do centro dos impulsos divinos criadores de formas. Podemos ver essa imagem na estrutura do átomo, com os prótons e os nêutrons no centro e os elétrons girando ao redor. E na trajetória elíptica dos planetas ao redor do sol. Tal como é a forma original, assim é a forma do ovo do mundo. Vemos aí também o homem original sob o aspecto de uma concentração de pura energia que gira de modo elíptico ao redor de um centro de força divina. A força divina nutria com amor divino o sistema humano ligado a esse amor, num intercâmbio incessante (as duas asas do primogênito).

A ordem divina foi perturbada devido ao desvio das energias que partiam de um impulso proveniente do mundo primordial. Então surgiu uma outra ordem, uma formação egocêntrica. Esse processo é representado de forma alegórica pela serpente. A corrente vertical divina cruza continuamente a corrente energética horizontal da serpente. Vemos, aqui, desenhar-se o protótipo da cruz. A força divina não abandonou sua criação, porém a corrente energética horizontal já não se harmoniza com ela. Assim, o mundo foi conservado em vida, porém, em lugar da ordem original, estabeleceu-se uma "ordem de socorro" temporária onde tudo é o reflexo da ordem original.

Tudo é relativo

O homem que hoje conhecemos é parte integrante de tudo o que pulula e prolifera sobre a terra. Ele vive na ilusão, como num mundo virtual de um jogo eletrônico. Divino em sua origem, ele é a todo instante destruído pelo movimento do surgir e declinar. Nos fenômenos do mundo exterior, ele perdeu toda orientação. Prisioneiro da confusão de seus sentidos, ele já não tem a mínima noção de sua meta. É o Eros privado de asas, um deus caído, um deus que em cada encarnação bebe a água do Letes, a água do esquecimento. Ele já não é consciente de sua origem divina; sua alma, contudo, guarda um profundo desejo de felicidade e glória, de reencontrar as asas de ouro do Espírito. O conhecimento desse estado do homem era um elemento central do orfismo e ressoa neste fragmento de um de seus escritos:

Como elas se agitam no infinito do Universo, como elas turbilhonam e se procuram, essas almas inumeráveis que jorram da grande alma do mundo. Elas caem de planeta em planeta e choram no abismo a pátria esquecida...

...NÃO HAVIA SILÊNCIO NEM SOM

Muitos, em nossa época, sob a influência de Aquário, começam a desconfiar e se convencem cada vez mais de que o mundo e a humanidade não são o que deveriam ser. E compreendem que sua opinião sobre essa realidade muito relativa depende de seu próprio estado de consciência e chegam mesmo a se perguntar se não é a consciência que cria a realidade. A matéria mesma parece diferente do que outrora se acreditava. Descobriu-se que a energia da matéria possui graus de densidade diferentes. A matéria inteira é composta de campos magnéticos energéticos. A atividade desses campos de força provoca resistências que dão a impressão de dureza. A resistência que experimentamos quando nos chocamos contra uma parede rochosa não é mais material do que a força com a qual dois ímãs se atraem ou se repelem. Algo que não possua uma carga positiva ou negativa é neutro, seja qual for a forma material que consiga penetrar.

Os homens redescobriram a relatividade da matéria, da realidade, do tempo e do espaço: esse saber não é novo. Em todos os tempos as leis de nosso mundo foram ensinadas nas escolas e comunidades fechadas. Apenas as imagens e os vocábulos são novos; a grande inovação é o interesse de tantas pessoas por semelhante assunto.

A humanidade alcançou um ponto de sua evolução em que o crescimento da inteligência lhe permite acessar esse saber. Mas se conhecêssemos todas as respostas, se tivéssemos descoberto tudo neste mundo, estaríamos assim mais próximos de nossa libertação? Segundo Paulo, *se conhecêssemos todas as coisas e não tivéssemos amor, nada seríamos*.

Por conseguinte, seria possível pensar que nos encontramos sempre no mesmo lugar a que chegamos há milhares de anos, e que nos abismos da existência choramos sempre a perda de nossa verdadeira pátria.

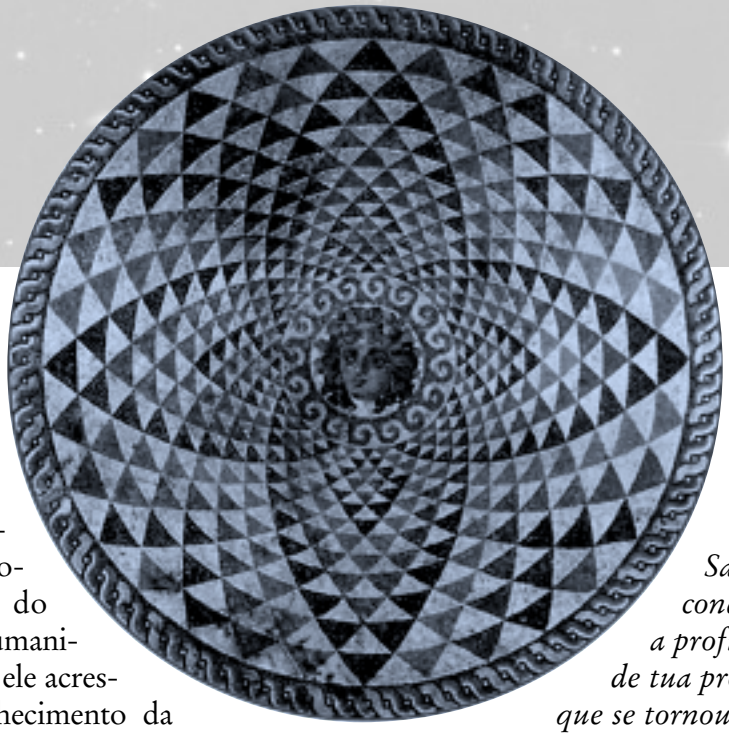
As águas de Mnemosine

Outra coisa a alma não pode fazer senão recusar as águas do Letes, que jamais saciarão sua sede, e voltar para sua pátria perdida. Para tanto ela precisa beber das águas de Mnemosine, a deusa da lembrança. O campo de radiação do microcosmo, carregado com forças deste mundo, poderá então assimilar a energia divina e brilhar com o ouro puro do homem divino.

A experiência da contemplação mística faz o iniciado dos Mistérios de Orfeu reconhecer e vivenciar os sofrimentos do homem divino de outrora: sua dor de encontrar-se dilacerado neste mundo de inumeráveis fenômenos. Os discípulos de Orfeu achavam que deviam encetar a via da purificação e da sublimação que lhes daria outra vez sua forma perfeita e os uniria à origem divina.

O caminho descrito pelo mito de Orfeu já fornece uma primeira idéia dos Mistérios cristãos posteriores. Orfeu, palavra que significa "aquele que cura pela luz", torna clara ao gênero humano a idéia de sua própria degeneração, e ao fazê-lo, essa idéia prepara a humanidade para receber o impulso que se manifestaria completamente apenas muito mais tarde com a consumação da oferenda crística.

Jesus (Joshua significa "o Senhor cura ou salva") Cristo (Christos, palavra grega para



"messias", significa "o ungido") é o intermediador entre Deus e o homem. Ao conhecimento do estado da humanidade decaída ele acrescenta o conhecimento da divindade que está no homem. Se esse reconhecimento surge de fato na consciência do homem, ele se sente como se as trevas o cercassem por todos os lados. Porém, se de repente, num instante, como um raio, a luz da verdade ilumina essa noite profunda, tudo parece ser banhado de grande claridade. O alvo, o sentido da vida e o que está encerrado no mundo são, então, experimentados numa fração de segundo: "Porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos, mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado" (Paulo, I Cor 13:9-10).

Após ter vivenciado tal experiência, é impossível continuar como antes. A primeira pedra para uma grande mudança foi assentada, e também a possibilidade de dar à vida uma orientação totalmente diferente. Contudo, experimenta-se também o temor dessa situação incomum e inesperada. À luz da Verdade as trevas parecem ainda mais profundas. Porém, ao mesmo tempo vemos que é possível um novo desenvolvimento, que acabará por rejeitar todas as trevas. O catalisador é a fidelidade ao princípio divino fundamental; se nos consagrarmos a ele, ele nos conduzirá da multiplicidade à Unidade. Rainer Maria Rilke fala sobre essa mudança em *"Sonetos a Orfeu"*:

Sabe e aprende a
condição de não-ser,
a profundeza infinita
de tua própria vibração
que se tornou realmente a
do Todo.
E na forma perfeita ressurge:
Eros renascido se levanta
na radiação de suas asas de ouro.

FONTES:
Schuré, E., *Os grandes iniciados*. São Paulo: Madras, 2005.
Hamilton, E., *Das grosse Buch der klassischen Mythen*, Leipzig: Goldmann, 2005.
Rilke, R. M., *Sonetos a Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Acima: Mosaico romano com uma representação de Dionísio, provavelmente proveniente de um templo iniciático.

A tempestade de Dionísio e a harmonia de Apolo

Quando o rei Midas perguntou ao sábio Sileno, tutor de Dionísio quando ele era criança, o que eram o bem e a dignidade supremos, o sábio ficou em silêncio por longo tempo. Por fim, com um pequeno riso de desprezo e a voz rouca, ele respondeu:

"Raça miserável, filhos do acaso e da dor. Por que tu me forças a dizer-te o que seria melhor para ti? O bem supremo está totalmente fora de teu alcance, pois isso significa não ter nascido, não-ser, ser um nada. A segunda melhor opção para ti seria morrer o mais depressa possível!"[1]

Com essas palavras o sábio lança por terra qualquer esperança de alcançar o bem mais precioso e destrói o desejo por belas aparências, obrigando-o a voltar-se para um objetivo verdadeiro, que nada tem a ver com o rei "eu". A resposta franca de Sileno teria origem nas primeiras tragédias gregas compostas tão-somente por um coro de cantores com aspecto de sátiros. Esse coro revelava o outro lado dos belos mitos homéricos e prendia a atenção dos ouvintes ao exprimir friamente a verdade. O semblante do deus teria feito empalidecer e tremer os encantadores personagens criados por Homero. É mais ou menos dessa maneira que Nietzsche escreve em seu livro[1] a respeito da tragédia grega.

Sileno é considerado o pai dos sátiros. Os sátiros são seres metade homens, metade animais, que já por seu aspecto retratam a natureza com a qual e na qual o homem terrestre precisa viver. Essa simples compreensão apaga qualquer representação embelezada de nossa situação de vida. O olhar distante e a voz rouca de Sileno dissipam repentinamente qualquer possibilidade de acordo com nossa realidade aparente. O desejo de Midas de se identificar com a ilusão foi a razão de sua pergunta, mas a resposta provoca seu descontentamento. Porém, é uma perturbação fecunda que faz nascer o desejo por verdade em nós.

O primeiro aspecto de Dionísio influi sobre a natureza continuamente cambiante dos fenômenos. O homem é parte desta natureza e também está ligado à força dionisíaca. Sua inteligência tenta alcançar essa força para chegar à perfeição. Enquanto forma material, ele deve se dar conta de sua insignificância no Universo e de sua incapacidade de penetrar o que há de mais profundo em si mesmo com todos os meios e métodos de que dispõe. Ora, Dionísio é quem, por sua oferenda, rompe esse estado do ser humano. Como furacão do espírito renovador, ele, no segundo aspecto, começa demolindo a falsa compreensão a fim de construir sobre as ruínas de seu antigo ser. Depois que Apolo o toca com o ramo de loureiro, ele se torna o vencedor, o libertador, o novo homem que já não é metade homem e metade animal, mas que alcançou fi-

À direita: *Apolo e as Rosas*, óleo sobre tela, Giorgio de Chirico, 1974 (coleção particular Peter Willi/Bridgeman Art Library).

Τα εν Δα
του Απολλωνο

nalmente as mais profundas bases da existência. Com o auxílio de Apolo, seu pólo oposto interno, Dionísio, enquanto filho do Sol que repousa na paz da Unidade, transcende a forma determinada pela matéria (Aristóteles diz, a esse respeito, que a antiga palavra árabe "Iach" [Íaco] representava um cavalo, o "cavalo solar" [Dionísio] que puxa o carro no qual o deus do céu passa todo o dia). Em seu terceiro aspecto, Dionísio, como o radiante Íaco, representa o novo homem que resolveu as tensões terrenas. Ele alcança a perfeição de Apolo. Cada ser humano alcançará esse estado, desde que consiga rasgar os véus das belas aparências e deseje ardentemente dar um fim a todas as ilusões.

Não se trata aqui de uma perfeição relativa à harmonia do nosso mundo. Trata-se de um dos aspectos de Apolo: o poder que garante a coerência constante do cosmo. Sua força solar é equilibrada, harmônica e dominante. Por isso é dito que Apolo põe um véu de misericórdia sobre todos os que ainda não podem suportar a verdade. Os fortes, porém, podem beber o vinho puro do verdadeiro conhecimento. Se dele bebermos, receberemos a força dionisíaca que nos transporta (espiritualmente) e nos conduz até as insondáveis profundezas de nossa existência. Nossa personalidade terrestre torna-se mais adequada para receber a nova força dionisíaca. A perfeição (Íaco) ocorre pela ruptura de nosso dionisíaco, portanto apolíneo, estado de ser. A conseqüência é a obtenção do não-ser que Sileno diz ser impossível. Nisso, entretanto, o velho sátiro está parcialmente certo. Seu longo silêncio e sua resposta dura significam indubitavelmente que ele deseja que encaremos de frente a cegueira na qual somos mantidos neste mundo, no qual, em realidade, nada somos e no qual, em todo caso, logo devemos morrer. É impossível nos libertarmos de semelhante situação. Porém, a força destruidora de Dionísio pode despertar-nos interiormente e, por fim, tornar-nos conscientes do "não-ser" no qual nossa alma tem a possibilidade de crescer, com a condição de que Apolo nos toque com seu ramo de louro.

Esse ramo de louro é o símbolo da vitória sobre todas as aspirações de nosso intelecto. É a representação da força que nos toca e conduz ao fecundo silêncio onde está o que nos é impossível alcançar: a realização perfeita representada por Íaco-Dionísio. Nossa consciência, então, já não será determinada por considerações intelectuais, já não perguntará o que seria melhor para nós, porém se orientará para a força superior de Dionísio para, finalmente, tornar-se o instrumento mesmo do Espírito.

Mas qual é a relação de tudo isso com o coro que, na origem, era o único ator nas tragédias gregas? Podemos, aqui, tal como Nietzsche, perguntar-nos por que esse coro tão importante era composto por pessoas que se apresentavam sob a forma de sátiros. Os coristas, na resignação e na compreen-

são de seu próprio estado de ser, metade animal metade humano, viam seu senhor e mestre Dionísio, o Espírito, atuar, sofrer e por fim ser glorificado. O coro é apenas o reflexo do que acontece. Ele não age, pois é na "não-ação" que a verdade pode ser percebida. Desse modo, o homem torna-se sábio, e essa sabedoria anuncia e precede o novo Dionísio.

O canto nasce do equilíbrio da alma, da não-ação interior, do silêncio e da paz que são, ao mesmo tempo, estrita vigilância. Unicamente desse modo pode Dionísio comunicar seus êxtases e energias. O despedaçamento e o renascimento do homem expressam-se pelos cantos do coro, projetados sobre o auditório tocado pela força mágica de Dionísio. Os cantores, que experimentam a pura e espiritual exaltação dionisíaca, fazem-na repercutir e partilham-na com os assistentes que, desse modo, participam dos episódios vividos pela alma dos principais personagens. Essa fusão entre o coro e os ouvintes dá nascimento aos êxtases que caracterizavam a tragédia grega em sua origem. Dionísio, a nova e imemorial força da consciência, cria para cada um a possibilidade de se elevar ao novo homem, Íaco, que é tudo nele.

Isso ainda pode acontecer hoje – exatamente hoje – se, compreendendo nossas numerosas e freqüentemente dolorosas experiências, nos abandonarmos ao "não-agir", em vigilante silêncio. Trata-se da perda do "eu". Somente então nos tornamos conscientes de uma dimensão mais profunda e nos tornamos um com tudo o que existe.

Se nos colocamos de lado e refletimos sobre a nossa pretensa desventura, Apolo-Dionísio, nascido justamente nessa desventura, revela-se sob a forma de uma felicidade imensa. Então, o sábio Sileno, com sua resposta, alcança seu objetivo. Ele perde sua voz rouca e, na tragédia, o coro da Unidade canta uma clara melodia na harmonia primordial de Apolo.

FONTE:

1 Nietzsche, F., *A origem da tragédia*. São Paulo: Centauro, 2004.

Página 18: Entrada de um santuário de Dionísio (região de Tangarda).
À esquerda: A Deusa Ino dá ao jovem Dionísio a cornucópia da fartura para que ele se dessedente nela (Roma, Museu de Latrão).

Orfeu, a religião dos Mistérios

Orfismo é uma religião dos Mistérios que remonta aos mitos do poeta e cantor trácio Orfeu. A doutrina principal é a fé na alma imortal no homem, que pode escapar da roda das reencarnações após tornar-se consciente e ter alcançado a pureza ao rejeitar as cadeias da matéria. Essa alma é Eurídice, a bem-amada de Orfeu.

Apolo e Dionísio são dois aspectos, os dois filhos da Mãe original e do Sol divino. Todos os mitos e lendas falam sobre o assassinato simbólico do Logos solar que aparece na matéria sob forma de um enviado, após sua ressurreição dos mortos. De acordo com a lenda, Orfeu dá um novo poder ao Verbo solar de Apolo, fazendo-a reviver no tempo mediante seus cânticos

arrebatadores, ligando-a aos mistérios de Dionísio e ativando-a.

Apolo é o poder e a força do Espírito, e Dionísio representa a inspiração, a exaltação, o êxtase. Após ter dado sua mensagem, Orfeu faz a última oferenda mediante sua morte: ele é dilacerado pelas mulheres da Trácia, ou, de acordo com outra versão, pelos titãs. Seus membros são espalhados sobre a terra, seu ser penetra-a e cada átomo é tocado por seu cântico divino. Segundo a tradição órfica, após o desmembramento de Orfeu, Zeus pune os titãs com seu raio e os destrói. O homem nasce, então, das cinzas, dos restos materiais dos titãs, mas também é portador de um princípio divino, dionisíaco. Mediante essa centelha divina o homem possui uma alma imortal. Eurídice representa essa alma que deve ser libertada.

Eurídice é mordida por uma serpente (símbolo da matéria); ela morre no seu próprio mundo e deve, portanto, unir-se ao mundo inferior, o nosso mundo. Orfeu, o mensageiro do Espírito, vencido pela dor, aproxima-se de Hades, esposo de Prosérpina e deus do mundo inferior. Ele faz vibrar as cordas de sua lira e canta um hino pungente sobre seu amor perdido. Os habitantes do mundo inferior comovem-se até as lágrimas. Até então, ninguém fora feliz nessa empreitada, mas Orfeu está convencido de que seu cântico pode persuadir Hades: o deus do amor não tem poder igualmente no reino dos mortos, no mundo inferior? Com efeito, comovido por tanto amor, Hades faz Eurídice surgir das nuvens. E Orfeu recebe permissão de reconduzir Eurídice ao mundo superior, porém com uma condição: ao seguir esse caminho ele não deverá olhar para trás. Se o fizer, Eurídice lhe escapará, ele a perderá para sempre. Eurídice segue-o e, em seu desespero, chama-o, mas ele não quer voltar-se para olhá-la: será que ele já não a ama? Cheio de piedade, Orfeu passa por cima da instrução e tenta abraçar sua amada. Imediatamente Eurídice desaparece outra vez no mundo inferior, onde as nuvens do tempo e do passado a engolem. Em vão o pobre cantor suplica a Caronte para atravessá-lo ainda uma vez para a outra margem do Estige, porém Caronte é inexorável: "Vivente algum pode atravessar o Estige para ir ao Hades, exceto os que a eles estão destinados".

O mundo inferior é o nosso mundo, o mundo das almas adormecidas onde as leis do "subir, brilhar e decair" determinam o curso das coisas e onde é impossível encontrar o verdadeiro amor que desafia os séculos. Ora, ele, o verdadeiro amor, é o único capaz de quebrar o encanto e despertar as almas de seu sono. No mito de Orfeu, Eurídice é aquela que cede à tentação deste mundo. Ao proceder assim, ela já não é acessível a Orfeu, o cantor do Espírito. É por um amor incondicional que Orfeu pode fazê-la sair do mundo das almas adormecidas, porém ele não deve hesitar e nem se voltar para trás.

Sem descanso, Orfeu volta à Trácia para ali cantar o amor ao Espírito e procurar por Eurídice. As mulheres da Trácia, enraivecidas pelos cânticos (ou então os titãs) dilaceram-no e espalham seus membros sobre a terra.

A terra derrama lágrimas eternas sobre Orfeu; os rios e riachos transbordam com suas lágrimas; os pássaros, os animais e as rochas lamentam-se; a cabeça e a lira de Orfeu são arrastadas pelas correntezas até o mar, que as atira para a orla, conforme a lenda, para a costa de Lesbos. Ali um altar é edificado para depositar sua cabeça; quanto à sua lira, ela se transforma em uma das constelações do céu.

À esquerda: Coroa de louro, feita em ouro, de um sepulcro trácio (Bulgária, século 4 a.C.). Na Antigüidade, a coroa de louro era dada como símbolo de vitória. Dizia-se que os raios jamais atingem os loureiros. Essa coroa era particularmente simbólica devido às qualidades medicinais e proféticas do loureiro, planta consagrada a Apolo.

Orfeu – o mito

Quando Orfeu encontra Eurídice no silêncio opressivo das nuvens e na intensa escuridão do Hades, ela o segue por caminhos espiralados que costeiam abismos vertiginosos bem como por trilhas pouco transitáveis. A alma busca a união com o Espírito, e experimenta uma profunda solidão pelo fato de estar separada de Deus. Em seu isolamento, ela supera a angústia do eu natural e o susto de sua queda nas profundezas insondáveis. Ela confia incondicionalmente em seu guia espiritual, de quem sente a presença e ouve os cânticos, embora ainda não o possa ver.

Eurídice consegue escalar o caminho iniciático até o ponto em que pode perceber a brilhante luz do mundo superior através de uma abertura feita no reino de Hades. Esse é o ponto onde irrompe a nova consciência, que ilumina seu caminho.

É aí que o mito dá uma guinada incompreensível para muitos: Orfeu, que durante todo esse tempo não havia escutado nenhum passo atrás de si, volta-se para ver se Eurídice o segue. No mesmo instante, ele vê o fantasma de Eurídice, sua bem-amada que, estendendo suas mãos para ele, desliza

Cheia de amor e de devoção, Eurídice espera apaixonadamente por Orfeu, o Espírito, seu esposo, que sempre a busca. Óleo sobre tela, Robinson Tuon, Brasil, 1993.

para trás e volta a mergulhar nas trevas.

Na sabedoria dos Mistérios gregos, esse episódio é a indicação da libertação final, a exemplo de Dionísio, que morre três vezes segundo esses Mistérios. A primeira morte, a morte pela picada da serpente, liberta Eurídice de sua forma terrestre material. Como sua alma ainda não se encontra bastante avançada, ela se deixa prender por intensas paixões e ira, que a fazem recair, na figura de Aristeu, nas trevas do mundo inferior. Porém o amor a salva: ela é conduzida, passo a passo, para fora dessas trevas até a luz, graças à confiança incondicional que deposita em Orfeu, enquanto o corpo de desejos perde progressivamente poder sobre ela. No instante em que a luz da natureza superior se une a ela, ela pode se libertar definitivamente de sua avidez natural inferior e finalmente submeter-se à morte, que possibilita o verdadeiro casamento entre Eurídice, a alma liberta, e Orfeu, o Espírito eterno.

Esta versão nos ensina que Orfeu e Eurídice se unem, e juntos formam, no mundo dos deuses, uma dupla unidade eterna, da

qual a constelação de Lira dá testemunho para a humanidade.

Orfeu procura por Eurídice, sua alma perdida, no reino de Plutão. Krishna entrega-se às esferas inferiores para salvar seus seis irmãos, dos quais ele é o sétimo. Jesus, conforme é dito, desceu ao reino de Satanás para salvar a alma de Adão, símbolo do homem material. Mas o reino de Satanás seria outra coisa que o mundo material? Descer ao reino da obscuridade e da matéria, ascender e ser restabelecido como "sol bem-aventurado" representa o conteúdo mais importante de todos os ritos iniciáticos que podemos encontrar tanto na história de Orfeu, de Hércules como na história de Krishna e de Cristo.

Segundo a lenda, foi Orfeu quem deu ao verbo solar de Apolo um novo poder, revivificando e devolvendo as energias aos Mistérios de Dionísio. Em todos os mitos e lendas o Logos solar é conduzido à morte e ressuscita após haver novamente transmitido e ensinado o Verbo.

Orfeu, o hierofante e sumo-sacerdote iniciado diz: "Eu vos revelarei os segredos dos mundos, a alma da natureza e a essência de Deus. Um único ser reina tanto no mais elevado dos céus como no abismo terrestre: Zeus, o deus do trovão, Zeus, o etérico. Ele é a mais profunda sabedoria, o pensamento mais poderoso, o amor mais precioso. Ele reina tanto nas profundezas da terra como no mais alto dos céus. Quando as lívidas sombras tiverem se ajuntado ao coro flamejante de Deus, elas se inflamarão como tochas e Dionísio ressuscitará inteiro no cosmo, ainda mais perfeito, ainda mais vivo que antes".

Este é o mistério da morte de Orfeu-Dionísio.

Fontes:
Kruisheer, J., *Les rites, mythes et légendes initiatiques des mystères anciens*, L. J. C. Boucher, 1969.
Schuré, E., *Os grandes iniciados*.
São Paulo: Madras, 2005.

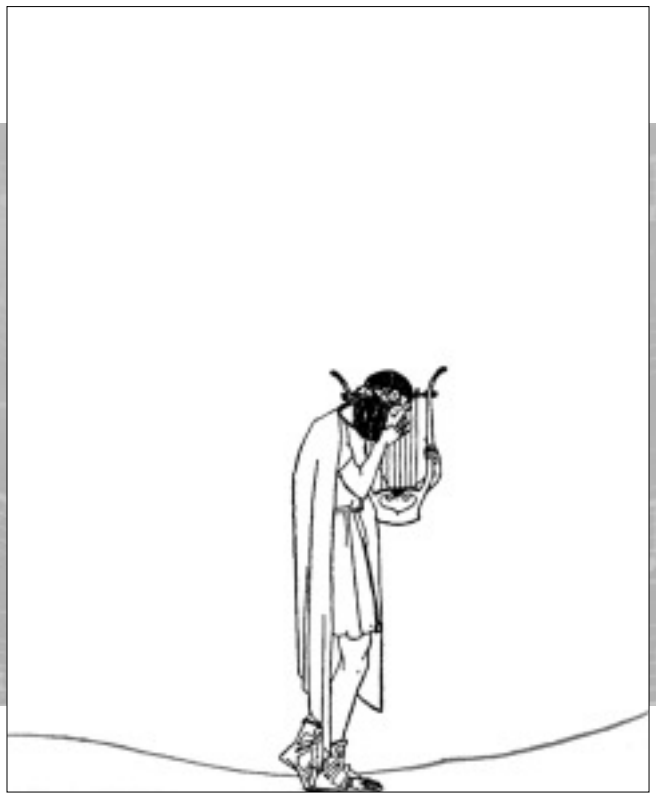
Acima: A dupla unidade dionisíaca (serigrafia, G.P. Olsthoorn, 1972, Países Baixos).

O cântico de Orfeu

Quem foi Orfeu? Esse nome soa aos nossos ouvidos como uma lembrança de tempos remotos. É notável que esse semideus mítico continue a influenciar a humanidade até nossos dias. O eco de seus feitos repercute ainda hoje na arte. Talvez pressintamos que Orfeu ainda queira dizer-nos alguma coisa além do que já se disse a seu respeito: música, poemas, pinturas. Durante muito tempo sabia-se apenas que Orfeu fora um grande iniciado vindo da Trácia, e que ele podia, por meio de seu canto, tornar o Hades clemente.

As tradições históricas a seu respeito são tão raras que se chegou mesmo a duvidar de sua existência real. Assim, Homero alude a Orfeu como um dos reis-sacerdotes lendários que teriam reinado sobre os trácios. Ele o chama de filho de Apolo, sumo-sacerdote dos trácios, guardião do sol divino, aquele que veio para nos trazer a verdade universal. Orfeu não consignou a verdade na forma de um sistema de pensamentos filosóficos, mas na forma de cânticos e poemas que tocavam diretamente a alma dos homens. Desse modo, ele fazia soar espontaneamente o som do éter puro. O instrumento que ele tocava era a lira de sete cordas, a mágica *phorminx* ou lira.

O que tocava Orfeu com seu instrumento celeste? As sete cordas da lira harmonizam-se com os sete tons das harmonias celestes divinas. Era assim que o iniciado invocava os sons da luz da criação original e fazia descer em nosso campo de vida a vibração do éter puro. Isso acontecia nos lugares particularmente puros, onde o cora-



ção se harmonizava com uma vibração superior. Em tais lugares as células podiam se tornar receptivas aos sons do novo éter, ao cântico órfico. Era então gerado um novo sentido, um novo poder que permitia captar os murmúrios das regiões da Luz. Esses eram os cânticos de Orfeu.

Orfeu é um nome espiritual que vem da palavra fenícia "ar-pha": "aquele que cura mediante a luz". Os sons luminosos de seu cântico levam ao repouso nossas vibrações inferiores, as vibrações do animal selvagem que eles domam. Eles abrem o sistema aos éteres puros da nova vida. Essa é a nossa cura.

A doutrina dos Mistérios de Orfeu jamais foi escrita. Graças às descobertas, na Bulgária, de lugares de culto pré-históricos e de túmulos, podemos ainda reconstituir alguma coisa do culto de Orfeu entre os trácios, o que leva à conclusão de que esse culto havia sido transmitido em forma de código nas imagens e ornamentos. Isso e o que alguns monumentos de pedra evocam permitem-nos romper em parte o silêncio que envolve Orfeu. Com efeito, em inúmeros rochedos podemos ver a deusa mãe representada como a guardiã da força divina liberada pelos sacrifícios. Uma imagem pintada num vaso de culto de Dionísio representa o sacrifício divino. A cena, em estilo vigoroso e movimentado, constitui um verdadeiro relato da morte e do renascimento. Nela, o touro lendário dos trácios, símbolo do filho divino, sacrifica-se derramando o sangue que concede a vida – a radiação divina – no regaço da terra. Acima dele está a deusa mãe entronizada. Durante esse ato, o deus

Orfeu, mediador entre a força solar Dionísio e a humanidade, é o impulso cósmico que organiza tudo segundo os princípios do Espírito. Portanto, ele é também o impulso para a civilização. As harmonias de sua lira e de

touro morre, e ao mesmo tempo renasce como filho da deusa mãe na força onipresente dela. A deusa tem nas mãos dois cães domesticados, que representam as duas forças motrizes naturais.

Orfeu era o mediador, o instrutor que, ao pronunciar a palavra, invocava o campo de força puro, a mãe universal divina. O que nos antigos mitos chamavam de "Orfeu" é na realidade uma força que capacita o ser humano a receber os éteres santos da mãe da vida, da guardiã, para que a oferenda divina se cumpra nele e ele, por sua vez, proceda à oferenda de si mesmo.

"Trácia" teria sido o nome de uma ninfa que conhecia as melodias capazes de curar ou de causar doenças, de acordo com a necessidade. O país que adotou seu nome chamava-se antigamente "Perke". Esta palavra significa "rochedo", "cume", "pedra". Assim também era chamada a deusa-mãe que personificava a substância pura na qual o fogo do Espírito podia reviver, e que era honrada tanto no cume de uma montanha como nas profundezas de uma caverna.

Em nossos dias, a Trácia e a Frígia ainda estão cheias de sinais gravados na rocha, de tronos de pedras, de altares e de nichos nos rochedos. Eles testificavam da união da luz e da rocha e serviam, por sua vez, de locais de nascimento e de tumbas. Esses símbolos gravados na pedra são manifestamente partes de um grupo de numerosos monumentos megalíticos; eles são a expressão da veneração pela pedra sagrada que guarda impressa em si a melodia divina. Das Índias até a Inglaterra essas pedras sagradas são encontradas em forma de círculos de pedras,

seus cânticos eram tão encantadores que levavam seus rudes contemporâneos a viver de maneira mais sensível e civilizada. Orfeu ensinou-lhes a agricultura e a vida em sociedade e inspirou-os a construir cidades.

dolmens, menires, tronos, escadas, nichos e altares.

Todas as pedras esculpidas (trabalhar uma pedra já era em si um ato ritual) transmitem a mesma mensagem: uma força divina encontra-se ativa nas estruturas misteriosas da matéria. Esta última espera o herói divino que, mediante seus cânticos, liberará nela a melodia cristalizada. Podemos encontrar algo dessa noção nas palavras do Evangelho de Tomé: "Fendei a madeira e ali estou, erguei a pedra e ali me encontrareis". Em todos os mistérios há um tipo de herói: o que deve atravessar as profundezas obscuras da vida terrestre para encontrar e revivificar as forças da luz que parecem perdidas e esquecidas. De "buscador" ele se torna "combatente". Ele é aquele que deve combater a si mesmo, até o instante em que se conscientize de que deve aceitar ser vencido pela luz a fim de abrir em si um espaço para a radiação divina. Ele compreende então que deve ofertar sua antiga existência para que as forças eternas reencontradas possam atuar em seu ser. Essa oferenda ocasiona uma reviravolta: o combatente torna-se um homem vencido pela vontade divina, cônscio de que a ruptura do antigo "eu" libera nele a vida eterna.

Na Trácia, as formações rochosas estavam unidas à mãe da vida, que transformava a força da luz em fogo divino. Esse fogo era chamado o filho,

"Apolo-Dionísio", os dois aspectos do mesmo ser divino. Orfeu é o filho do deus solar Apolo, o grande arqueiro e matador de dragões, cujas flechas fatais jamais erram o alvo.

Os sons da luz são a ferramenta mágica de Orfeu. As harmonias perfeitas do filho de Deus preparam o ser humano para receber a oferenda do Espírito, que representa Dionísio desmembrado. O impacto da flecha de Apolo faz a essência do ser humano ser conduzida da multiplicidade à Unidade.

FONTES

Kruischeer, J., *De inwidingsriten, mythe en legenden der oude mysteriën*, (Os ritos iniciáticos, mitos e lendas dos antigos mistérios) L. C. J. Boucher, 1969.

Schuré, E., *Os grandes iniciados*. São Paulo: Madras, 2005.

A representação teatral "Orfeu" do grupo PAN.OPTIKUM de Friburgo tem como tema central: Por que Orfeu se voltou? Teria sido por temer a vida nova ou (o que é impossível) por querer agarrar-se ao passado? A estréia aconteceu durante a "Ruhr-triennale 2004" em Bochum, Alemanha, e faz uma turnê pela Europa. A foto reflete o momento em que Orfeu está às margens do Estige e deve atravessar, e Eurídice mergulha nas águas do reino das sombras, o reino de Hades. C. Matthias Kolodziej, 2004, Alemanha.

O ovo órfico

Nos mitos órfivos da Criação de Orfeu vemos uma serpente enrolada quatro vezes ao redor do ovo do qual o mundo se origina. Esse ovo, que traz em si todas as sementes da vida futura, encontra-se no centro do espaço cósmico infinito, mergulhado no oceano universal das águas cósmicas, a substância original ou raiz da matéria.

O germe da vida, fecundado, porém latente, está encerrado no líquido do ovo e é chocado pela vida eterna, "o Espírito que paira sobre as águas", até o dia da manifestação da vida.

Do ovo do mundo nasce o novo deus, Fanes, a matéria com a qual "Aquele que engendra a si mesmo" está em condição de criar. Da metade inferior do ovo ele fez a terra e da metade superior, a abóbada celeste e as estrelas. A serpente, guardiã do ovo, simboliza a duração eterna, o tempo dos deuses e a sabedoria conservada nas águas vitais primordiais. Um símbolo parecido com esse é o navio ou a arca que voga nas águas primordiais que contém todas as sementes da vida futura. Em 1951, Jung pintou a mandala intitulada *Systema Mundi* mostrando que tudo, no ovo, provém de Fanes. Esse tema também foi a inspiração de Hermann Hesse para escrever o romance *Demian* (1919).

À direita: *Portrait d'écrivain*. Retrato de Nietzsche feito com letras e palavras por J.C. Cuenca, 2003, França.

FONTE:
Timmer, M., *Van Anima tot Zeus, encyclopedie van begrippen uit de mythologie, religie, alchemie, cultuurgeschiedenis en analytische psychologie* (Da anima a Zeus, enciclopédia de noções mitológicas, religiosas, alquímicas, históricas e psicologia analítica). Roterdam: Lemniscaat, 2001.

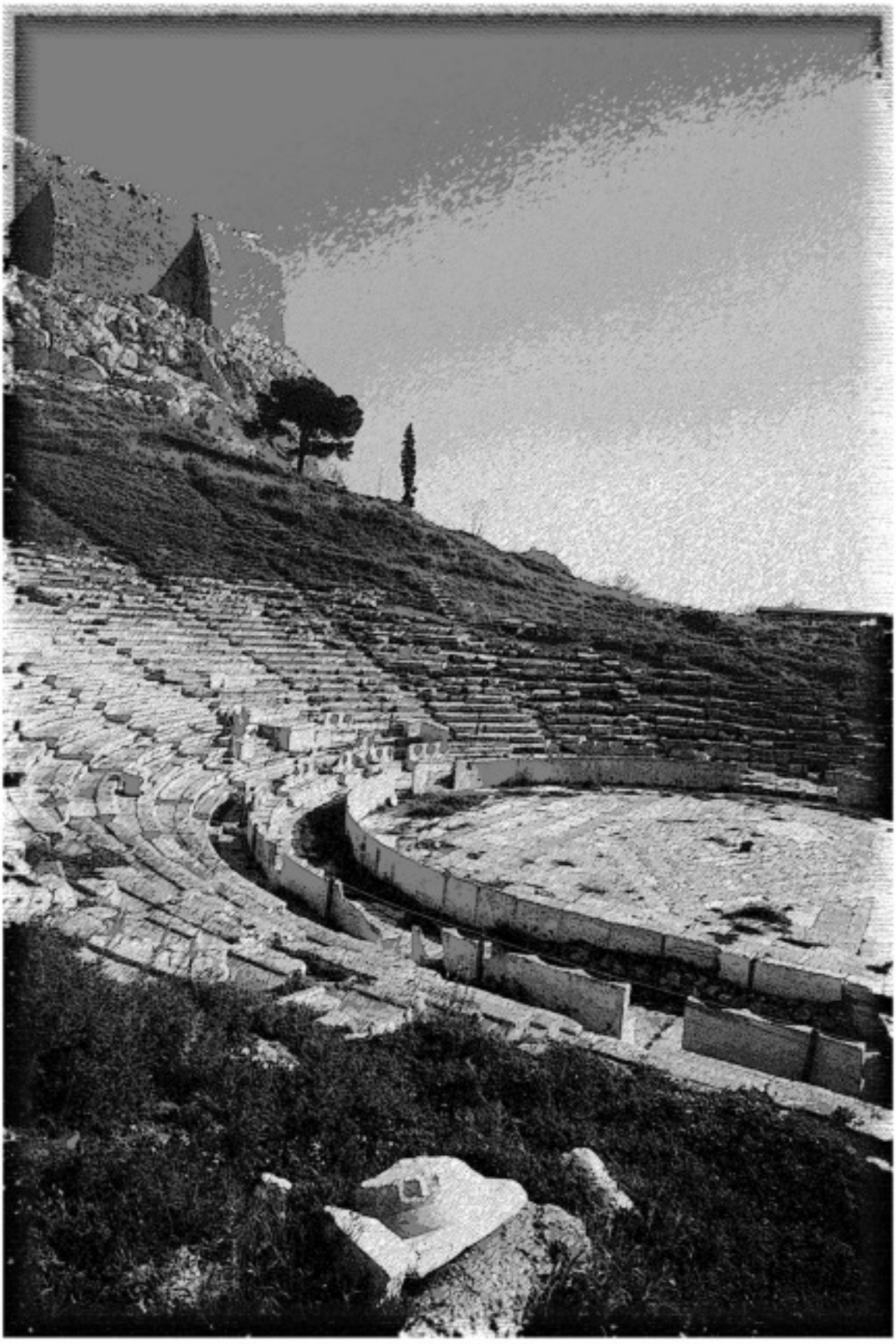
Friedrich Nietzsche, médico da cultura

Friedrich Nietzsche (1844-1900), dizendo-se "médico da cultura", fez um diagnóstico dela e prescreveu um medicamento e uma terapia com o fito de curá-la.

Segundo ele, graças a seu estudo filosófico da Antigüidade, ele podia reconhecer a doença de sua época. Ele dividia a cultura em quatro domínios:

- o saber – filosofia, ciência e consciência humana;
- a ação – moralidade, política e relações sociais;
- as crenças – religiões e seus derivados;
- a criação – arte.

Suas obras consistem, sobretudo, nas abundantes anotações onde, às vezes, é possível encontrar esses quatro domínios em diferentes capítulos com os textos correspondentes: *...De acordo com o diagnóstico, o sintoma da cultura atual é o de uma vida doente presa à idéia fictícia de uma outra vida, de uma vida melhor, uma outra realidade, uma realidade autêntica. Quando se descobre a ficção, seu sentido desa-*



parece. Em conseqüência, o homem sofre de uma desesperante angústia do vazio, ou então ele disfarça sua angústia debaixo de uma aparente insensibilidade, distraindo-se ou entregando-se com indiferença ao prazer.

A terapia preconizada por Nietzsche é em parte uma destruição da existência e em parte o esboço de uma nova vida. Diante da crítica dogmática da ciência e da filosofia, ele propõe o saber criador. Um saber consciente de que suas próprias concepções são criações que estabelecem uma realidade, em vez de ser tão-somente um reflexo dela. Em face de uma moral de obediência ele propõe uma moral que, sem forçar o homem a uma adaptação às normas do rebanho, atribui-lhe o dever de conceber seus próprios critérios. Em face da idéia de um Deus único que teria encerrado sua criação, ele propõe a divinização de um mundo que se desenvolve e transforma continuamente. A tragédia grega era, em sua origem, a expressão da força vital que tudo impele com grande impetuosidade. Nas antigas tragédias vemos o herói, ou heroína, sofrer a implacável situação contraditória em que os deuses o colocaram. O que vem de Apolo, a razão, jamais pode ter total predominância sobre o que vem de Dionísio, a realidade vivente sempre plena de euforia e de exaltação. Segundo Nietzsche, o que é apolíneo e o que é dionisíaco fundem-se um no outro na tragédia. Ele considera como dionisíaco a vontade instintiva, e como apolíneo a imaginação, a forma, portanto a consciência. O que é dionisíaco representa, em primeiro lugar, a força vital elementar; em segundo lugar, essa vitalidade é, sem dúvida, criadora, porém feroz e funesta ao mesmo tempo.

No verão de 1870, ele explicou que o que é apolíneo e dionisíaco são as forças vitais metafísicas (supra-sensoriais). O que procede de Dionísio ele considera como um imenso processo pelo qual as civilizações tentam criar um espaço vital estável. As civilizações vivem de sua própria substância, porém esforçam-se para dominá-la a fim de não declinar, mantendo para tanto seus limites. A civilização elabora o que é dionisíaco: por um lado, a força vital; por outro lado, uma energia negativa fulminante que tende a desintegrar e aniquilar o homem e a convivência. O que procede de Apolo é da mesma energia fundamental, mas ela opera segundo um processo de tranqüilidade e equilíbrio. É assim que uma cultura se mantém durante certo tempo. No ser humano atuam essas duas forças. A força dionisíaca leva à criação, porém cruel e funesta. A força apolínea estimula a consciência a se libertar dos aspectos negativos da energia dionisíaca. O intercâmbio harmonioso dessas duas forças engendra a compreensão das leis que devem reger a existência humana. No aspecto mais elevado elas oferecem uma forma, Apolo, mediante a qual o espírito, Dionísio, pode se exprimir.

A tentação dionisíaca consiste em ultrapassar todas as limitações de três maneiras. Ao ultrapassarmos os limites da natureza sentimos que somos tão-somente unos com ela. Ao ultrapassarmos o que nos separa de nossos irmãos humanos nós ultrapassamos o que, enquanto massa, nos impulsiona ao ódio, à idolatria ou à histeria. O terceiro limite encontra-se no interior do individuo. A consciência abre-se então ao inconsciente. O ego que se agarra medrosamente à sua identidade deve experimentar que essa tríplice ultrapassagem dos limites comuns é arriscada, ameaçadora. Mas ele pode igualmente abandonar-se a seu aspecto dionisíaco e participar da alegria do declínio do ego.

De modo equilibrado, é possível que essa energia aniquile o aprisionamento do núcleo espiritual, permitindo assim às forças divinas de Apolo e de Dionísio expressarem-se de modo positivo.

FONTE:
Safranski, R., *Nietzsche, Biographie seines Denkens.* Munique: Hanser, 2000.

No século 6 antes de nossa era, Pesístratos transferiu os Mistérios de Elêusis para a Acrópole (Atenas), onde consagrou a Dionísio um teatro que podia comportar 15.000 espectadores.

Poemas 2

As três chaves

Eu parto.
Longo é meu caminho.
O início está oculto no passado,
E o fim, eu desconheço.

Como sei tão pouco!
Apenas isto: Agora o passado já não é um peso.

Ele já não me chama para voltar,
Ele já não tenta me agarrar
E já não pode me deter.
Tornamo-nos amigos,
Eu e meu passado,
E por que não?

Em um dia luminoso,
Numa região desconhecida,
Um clarão argênteo me atraiu.
E minhas mãos descobriram a chave
Para chegar até meu amigo.
Em um dia luminoso, meus ouvidos
Ouviram a voz do passado:
"Escuta – segue avante! Vai e não te voltes.
Dou-te a sabedoria, abandona-me,
Não busques mais as coisas que passaram,
Não as invoques.
Não sou teu pai nem tua mãe,
E não és meu filho.
Por isso te digo: segue avante.
Somos amigos,
E um amigo ajuda a outro."

Eu parto.
Mas, o que significam esta manhã,
Estas nuvens, estas árvores, esta gente?
Por que estou aqui?
Este é o meu mundo?
Será que o amo?
Será que ele me ama?
Quero compreender o presente,
Quero viver!

Caminho pela casa,
Adentro um aposento esquecido.
Banhado hoje numa luz suave e dourada,
Tenho a chave do meu mundo.
Ouvi a voz do presente:

"Que esperas de mim?
Não sou teu pai nem tua mãe,
E não és meu filho.
Não fiques aí parado.
Se queres descobrir, mexe-te,
Senão jamais compreenderás o que eu sou.
Eu sou o movimento e o ritmo,
O alento que entra e sai,
O coração que pulsa.
Aprende com teu coração.
Pois este é o sentido do presente.
Se o conseguires, seremos amigos,
E um amigo ajuda a outro."

Eu parto.
Mas para onde?
O futuro é cinzento
Não vejo sua forma.
Contudo estou sem nenhum medo e inquietude,
Pois meus amigos vêm em meu auxílio:
O passado, o presente,
E também meu coração.

Meu coração me ensina a reconhecer
A atividade rítmica de minha vida.
O coração pulsa – e eu avanço.
Seu batimento diz-me claramente:
"Não deposites tua esperança no futuro.
Pois ele é ilusório e inexistente.
O que esperas do futuro
Torna-se passado depois de algum tempo.
Tudo quanto existe já existiu antes.

E, não obstante, tu avanças.
O caminho é o essencial, o sentido de tudo.
Ele é o único ponto em que passado,
Presente e futuro se unem,
Para juntos formar uma única realidade.
Uma amizade forte e pura como um diamante:
Esta é tua chave".

Eu parto.
As marcas de meus pés mudaram.
Elas agora são menos profundas,
E quase não as vejo.

O caminho se volta em outra direção,
E ascende como degraus
Transparentes, invisíveis.
Nada mais me resta além do meu coração.
Eu o escuto atentamente,
Pois seu ritmo foi mudado.

Ouve-o, sua batida é mais forte,
Mais profunda,
Seu calor se intensifica.
É uma vibração intensa,
Um arco-íris,
Uma luz ofuscante!
O espaço inteiro é por ela preenchido.
Poderosa, ela aniquila todo o pensar,
Dissolve toda forma,
Porém, em minhas mãos está o poder
Da chave de diamante.

Então... eu experimento o que é o silêncio.
Mais potente que outro som,
Ele tudo preenche.
Ele está em tudo.
Ele é tudo.

PISTIS SOPHIA

A GNOSIS ORIGINAL EGÍPCIA

OS MISTÉRIOS GNÓSTICOS DA PISTIS SOPHIA

J. van Rijckenborgh

Mesmo depois da descoberta e da publicação da Biblioteca de Nag Hammadi, o evangelho *Pistis Sophia* continua a ser o mais importante dentre os escritos gnósticos que chegaram até nós.

Esse evangelho, cujos personagens principais são Cristo e a Pistis Sophia, revela os ensinamentos esotéricos de Jesus a seus discípulos, dando ao leitor uma visão completamente nova dos quatro evangelhos canônicos e do livro dos Salmos.

1ª edição - março 2007 – 512 págs.
ISBN 978-85-88950-38-2

A GNOSIS ORIGINAL EGÍPCIA

Tomo 1

O CORPUS HERMETICUM
comentado por J. van Rijckenborgh

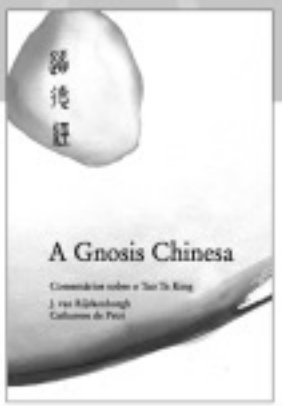
No Egito antigo, Hermes Trismegisto revelou o conhecimento sobre a verdade eterna, a Gnosis, em textos como o *Corpus Hermeticum* e a *Tabula Smaragdina*, que influenciaram de forma determinante toda a história espiritual do Ocidente. Neste livro, J. van Rijckenborgh nos mostra que todo o conhecimento gnóstico verdadeiro do período atual da humanidade pode ser encontrado na Gnosis original egípcia e que a única libertação possível é a ressurreição do verdadeiro homem divino que vive com a consciência iluminada por Deus, razão por que a Bíblia testemunha: "Do Egito chamei meu filho".

2ª ed. - agosto de 2006 – 272 págs.
ISBN 85-88950-35-9

EDITORA ROSACRUZ
Tel (11) 4016.1817 – fax (11) 4016.5638 – www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br

A Gnosis Chinesa

Gnosis, Religião Interior



A Gnosis Chinesa

Comentários sobre o Tao Te King

J. van Rijckenborgh

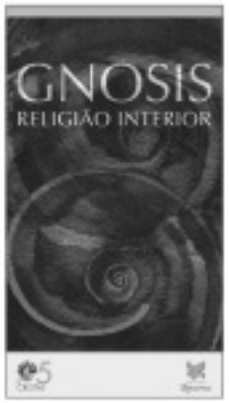
Catarose de Petri

Assim como o *Bhagavad Gita* e os Evangelhos, o *Tao Te King*, de Lao Tsé, pertence ao patrimônio espiritual da humanidade e representa a síntese da sabedoria gnóstica do Império Celeste.

Segundo a tradição, o Tao é transmitido a "quem está na fronteira", preparado para escutar a revelação do caminho de retorno ao homem perfeito original, o homem-microcosmo.

1ª ed. - abril de 2006 – 496 págs.

ISBN 85-88950-13-8



Gnosis, religião interior

Série Cristal 5

Gnosis como revelação dos mistérios, como revolução da alma e como fundamento do novo homem são alguns dos temas que brotam das páginas deste livro como fonte de luz que toca a alma humana.

Os livros da Série Cristal trazem textos destinados a mostrar a verdadeira finalidade da existência do ser humano.

Nessa perspectiva, *Gnosis, religião interior* pode servir como introdução ao gnosticismo para os que desejam dar os primeiros passos no caminho em espiral da vivência gnóstica.

1ª edição - fevereiro 2007 – 128 págs.

ISBN 978-85-88950-39-9

EDITORA ROSACRUZ

Tel (11) 4016.1817 – fax (11) 4016.5638 – www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br